

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**O QUE QUERO VER**  
**23 de dezembro de 2022**

**LE GOÛT DES AUTRES / 2000**  
**(O Gosto dos Outros)**

*Um filme de Agnès Jaoui*

*Realização:* Agnès Jaoui / *Argumento:* Jean-Pierre Bacri e Agnès Jaoui / *Montagem:* Hervé de Luze / *Produção:* Christian Bérard, Charles Gassot / *Produção Executiva:* Jacques Hinstin / *Direção de Fotografia:* Laurent Dailland / *Música:* Jean-Charles Jarrel / *Guarda-roupa:* Jackie Stephens-Budin / *Design de Produção:* François Emmanuelli / *Casting:* Brigitte Moidon / *Interpretações:* Anne Alvaro (Clara Devaux), Jean-Pierre Bacri (Jean-Jacques Castella), Alain Chabat (Bruno Deschamps), Agnès Jaoui (Manie), Gérard Lanvin (Frank Moreno), Christiane Millet (Angélique), Wladimir Yordanoff (Antoine), Anne Le Ny (Valérie) / *Cópia:* 35mm (Scope), falado em francês e em inglês, com legendas em inglês e legendagem eletrônica em português / *Duração:* 112 minutos / *Estreia Mundial:* 1 de março de 2000, França / *Estreia Nacional:* Novembro de 2001 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*

Numa comédia de observação social como esta aplicar a velha expressão “os gostos não se discutem” talvez não seja a melhor ideia, já que não podemos deixar de concluir que, pelo contrário, há qualquer coisa definidora na cultura de que dispomos. Desde logo, ela define ou pode definir a qualidade da nossa educação e a qualidade do mundo que nos habita. É isso que verificamos na história da personagem interpretada deliciosamente por Jean-Pierre Bacri, ator falecido em 2021 que manteve uma carreira, enquanto coargumentista, ao lado de Agnès Jaoui sob a batuta de Alain Resnais, nomeadamente, e nessa mesma condição dupla de atores e argumentistas, em **On connaît la chanson** (1997). Mas há uma *nuance* importante aqui: Castella, homem de negócios de inegável sucesso, não se dá por vencido e decide contrariar a sua pouca bagagem cultural. Trata-se de uma espécie de “história de vingança” do homem simplório e o motivo – como é fácil de perceber pelo tom airoso do filme – é um e somente um: o amor. Ou melhor, um *coup de foudre* pela sua professora de inglês, Clara Devaux, que também é atriz. Aliás, a paixão é desencadeada em Castella quando este, por casualidade, assiste à atuação de Clara numa encenação da tragédia de Racine *Bérénice*.

O filme de Jaoui & Bacri, que sabe mais a Woody Allen do que a Alain Resnais, é uma comédia despreziosa sobre o choque entre o amor, a cultura e os bons sentimentos. É a bondade de Bacri, como veremos mais à frente, que torna a sua súbita conversão, de empresário filisteu a “amante” de teatro e de pintura abstrata, num processo perfeitamente natural, porque, afinal, estará o homem (ou a mulher) inculto (ou inculta) condenado (ou condenada) a ser assim? E há razões melhores para deixar de ser assim do que o amor? O fator romântico complexificará todo o jogo narrativo, envolvendo uma plêiade de personagens, todas mais ou menos perdidas nas suas teias sentimentais, buscando alguma forma de sentido para a vida.

Jaoui é a realizadora do filme, mas também a intérprete de uma personagem nuclear em toda a narrativa, uma vez que “todos os caminhos” parecem levar as restantes personagens até ao *bar* onde trabalha como empregada. É ela, tanto na sua qualidade de realizadora como de “personagem”, quem procura, de alguma forma, afinar esta orquestra. O efeito coral da história é magnificamente transmitido logo a abrir, quando a montagem “se divide para reinar” entre a mesa do guarda-costas e do motorista, ambos em amena cavaqueira, e a mesa onde vislumbramos pela primeira vez o patrão, Castella, irradiando a sua patusca falta de charme. São os minutos mais renoirianos de **Le goût des autres**, uma vez que quando a orquestra começa a afinar, as referências são outras e remetem-nos mais claramente para o género clássico da comédia americana.

Uma comédia de embaraços floresce, desde logo, da “inocência” de Bacri – ia escrever “do bigode/não bigode”, tentando impor ao filme alguma nota resnaisiana – e da sua dimensão enternecedora, o trunfo que o fará vencer e vingar toda a sua grosseira “incultura”: é ela – a ternura – que permitirá à atriz-professora de inglês “descortinar” uma certa hipocrisia reinante no seu próprio meio, digamos assim, *high brow*. A genuinidade da *persona* de Bacri desconcerta tanto quanto ensina a mais importante lição deste filme: não há maneiras piores ou melhores de se gostar de algo (uma peça ou um quadro, por exemplo) e o mesmo se aplica às relações afetivas (a se gostar dos outros).

A rede afetiva, tão cómica quanto enternecedora, cobre a narrativa com graciosidade – à época, o sucesso de crítica e, acima de tudo, de público deste filme de estreia de Jaoui na função de realizadora foi tremendo, chegando a obter a nomeação para o Óscar de Melhor Filme Estrangeiro, prémio que acabou arrecadado por Ang Lee com o seu **Wo hu cang long/O Tigre e o Dragão** (2000). Os filmes que a dupla (casados na vida) Jaoui-Bacri realizaria posteriormente revelaram-se aproximações, muito mais desafinadas, à fórmula de sucesso de **Le goût des autres**. De tal maneira que talvez seja mesmo possível estabelecer ligações não forçadas entre as personagens que os dois foram interpretando. No último filme em que trabalharam juntos, **Place Publique** (2018), Bacri surge como uma antiga celebridade mediática em decadência, alguém plenamente integrado no seu próprio meio, a ponto de já ter perdido a curiosidade de outros tempos. Como se Castella nos aparecesse, em 2018, convertido num cínico comentador do gosto dos outros. E sem a bonomia e a chama de outros tempos.

Luís Mendonça